



Academia Volta-redondense de Letras

"O Vaqueiro e o Jornalista"¹: Quando Dois Mundos Conversam

Débora Corsi
Cadeira 21

O jornalista seguia viagem rumo à antiga "Província Fluminense" quando o cansaço o dominou. Adormeceu profundamente, embalado pelo movimento constante do ônibus. De repente, sentiu uma mão tocar suavemente seu braço esquerdo. Acordou confuso, ainda preso entre o sonho e a realidade.

– O que está acontecendo? – Perguntou.

O motorista, com a calma de quem já vira aquela cena muitas vezes, explicou:

– Estamos na última parada. Agora preciso levar o ônibus para a garagem da empresa.

O jornalista franziu a testa, tentando organizar as ideias.

– Última parada? Como assim? Que cidade é essa?

– Aqui é "oitocentos no plural" – respondeu o motorista, com simplicidade. – Um lugar procurado por quem deseja se afastar da capital. O encanto daqui está nos oitocentos sítios que contornam a cidade. Cada um guarda "histórias [mal] cheirosas" para contar, e isso desperta a curiosidade dos visitantes.

Conformado com o destino inesperado, o jornalista suspirou:

¹Os trechos em vermelho correspondem a títulos de obras de acadêmicos e acadêmicas da AVL. Ao final do conto, você encontra um alista das obras citadas.



Academia Volta-redondense de Letras

– Pelo jeito terei de passar a noite aqui. O sono me tirou do caminho e viajei “pelos quatro cantos” sem perceber. Algum propósito deve haver nisso, pois não acredito em coincidências. No “meu tempo” de criança, minha mãe sempre dizia: “O que Jesus tem para hoje?”. Então vou descobrir o que há hoje na “oitocentos no plural”.

Já percorri tantos lugares e, “de todas as tribos” que conheci, nunca senti tanta vontade de explorar algo novo como agora.

O motorista sorriu, num tom quase confidencial:

– Isso deve ser “devaneios amiúde”.

Ao descer na pequena rodoviária, o jornalista avistou um velho Corsa que funcionava como táxi. Aproximou-se, cumprimentou o motorista e pediu um tour pelos sítios da região. O carro seguiu pela estrada estreita a 50 km por hora, velocidade ideal, segundo o taxista, para apreciar a paisagem.

Após alguns minutos, o motorista perguntou:

– O senhor está procurando algo específico?

– Não – respondeu o jornalista. – Apenas confirmando algo que ouvi no ônibus.

– Sobre a chuva do mês passado?

– Chuva? Mas o que aconteceu?

O taxista respirou fundo, como quem retorna a lembranças ainda vivas.

– Foram três dias ininterruptos de chuva forte “de todos os tempos”. O povo viveu “emoções selvagens” que hoje fazem parte dos “contos do destino”. Nada é por acaso. Aqui ninguém acredita em coincidências. Os adultos ficaram preocupados, mas foram “milésimos do passado” que ressurgiram na memória. As crianças, porém, fizeram uma festa. Para elas, as ruas inundadas viraram



Academia Volta-redondense de Letras

praia. Jogavam bilhetes em garrafas pelas janelas e gritavam: "garrafas ao mar"! Elas não prestam atenção "nas nuvens do tempo"; para elas tudo é "vida em poesia". Para nós, é "sobre-viver" nesses "metaversos e contos" do Senhor da chuva.

O jornalista sorriu, impressionado:

– "A vida em poesia" eu não acredito, mas percebo que o senhor tem "alma de poeta".

O taxista agradeceu com simplicidade:

– Caro jornalista, enquanto o senhor viaja pelo mundo, eu sigo apenas as "andanças do coração". De cada acontecimento, colho "os frutos da minha alma".

Encantado, o jornalista confessou:

– Estou surpreso com as pessoas desta cidade. Acho que ficarei mais de um dia aqui.

– É assim que vivemos – disse o taxista. – Afinal, "depois da chuva, o recomeço".

O silêncio se instalou por alguns instantes, até que o taxista retomou a conversa:

– O senhor não gostaria de conhecer nosso "parque centenário"? O restaurante de lá está "sob nova direção" e tem um "cardápio poético".

– E como seria um "cardápio poético"? – Perguntou o jornalista.

– O chef vai "além da visão" dos outros comerciantes. Transformou macarrão de letras no prato "palavras que tecem poema", o mais amado pelos adolescentes. A sobremesa "poemas (quase) guardados" é um chocolate que abraça o chantilly... uma maravilha!

O jornalista riu:



Academia Volta-redondense de Letras

– Gosto de carne, desde que não seja “carne salgada”. Tenho intolerância ao sal.

– Que pena! O prato “amor nas alturas” leva ervas das montanhas e bastante sal roxo.

– Sal roxo?

– Sim. Por aqui tudo são “perspectivas em versos”.

O jornalista decidiu:

– Como vou ficar mais alguns dias, deixarei o parque para amanhã. Hoje quero “colorir” minhas impressões conhecendo o sítio mais visitado. Qual é?

– O sítio “Miragem no Horizonte”. O senhor vai gostar do vaqueiro
– respondeu o taxista

– Quem é o vaqueiro? “

– O dono do sítio. Ele ficou rico com vacas leiteiras, mas faz questão de manter as raízes. O filho estuda nos Estados Unidos e vive dizendo que haverá um ‘reencantamento do mundo’. Ninguém entende bem o que significa. Já a filha... descobriram que está grávida novamente. O primeiro marido fugiu com a veterinária. E o novo namorado já aprontou.

– E o vaqueiro? Ficou irritado?

– Que nada! Apenas disse que é ‘o fogo inexplicável dos desejos’.

O jornalista riu:

– Pelo visto, o senhor conhece todos os ‘contos e causos mineiros’.

– Numa cidade como esta, tudo acaba chegando ao centro. Por exemplo: a mulher do vaqueiro impediu o casamento do filho com a moça da limpeza. Só que, recentemente, a moça foi reconhecida como fi-



Academia Volta-redondense de Letras

lha de um desembargador. A mulher do vaqueiro ficou eufórica e o convidou para jantar no sítio.

– E ele foi?

– Foi! E ainda levou 'os três filhotes' de gansos raros para presenteá-la.

– Que presente diferente! – Observou o jornalista.

– Foi ideia da filha dele, a mesma moça que fazia a limpeza no sítio. Durante o jantar, ela mandou soltar os gansos sobre a mesa. Virou uma confusão! Tudo combinado com o pai, para se vingar da mulher do vaqueiro.

– E o que ela fez?

– Nada. Depois de causar tanta tristeza à moça, o vaqueiro apenas disse que ficou 'elas por elas'.

O jornalista suspirou:

– Nestes meus '50 anos' de profissão, posso dizer que minha vida é 'um livro sem título'. Mas hoje, antes de dormir, darei um título a este capítulo para contar à minha família. Sugere alguma coisa?

– Claro! Por que não chamar de 'as aventuras de um velho Corsa'? Será o meu carro que o levará a todos os lugares enquanto estiver por aqui.

– Boa sugestão! Agora me leve ao sítio do vaqueiro; quero conhecer essa família de perto.

Conversaram e riram ao longo de mais alguns quilômetros, até chegarem ao sítio.

– Chegamos! – Anunciou o taxista. – Siga por aquela estradinha de pedras, intercalada por gramados 'de todos os tons' de verde. O vaqueiro é o homem sentado na cadeira amarela, perto do coqueiro. Quando quiser ir embora, é só me telefonar. O sítio do meu irmão fica logo ali adiante; estarei por lá até que o senhor precise.



Academia Volta-redondense de Letras

O jornalista agradeceu e caminhou.

– Boa tarde, vaqueiro! Estou passeando pela cidade e vim conhecer seu sítio. O taxista foi à casa do irmão, aqui em frente, e recomendou que eu viesse até aqui para conhecer melhor este lugar.

Vaqueiro:

Tardi, cumpadi! Bom demais recebê ocê aqui. Senta aí, vamo proseá um tiquim. Vou mandá minha fia trazê um leite gelado pra nós bebê e jogá conversa fora. O taxista é meu amigo de muitos anos e, apesar de ser danado de fofoqueiro, se ele lhe mandô aqui, então ocê também é meu amigo.

Jornalista:

Muito obrigado pela recepção calorosa. Na minha cidade não somos recebidos dessa forma.

Vaqueiro:

Pois é por isso que eu num troco meu sítio por essa cidade grandona, não. O tempo todo a gente ouve que teve "**invasões**" nas casas e que ninguém confia mais no outro. Aqui tudo é calmo. Nossa vida é fazê "coletâneas" de amigos novo.

Filha do vaqueiro:

Pai, aqui está o leite que o senhor pediu. Vou deixar a jarra na mesinha.

Vaqueiro:

Ô coisa boa é tomá leite geladim. Pegue seu copo, moço. Aqui a gente num fica cheio de firula, não. Lá na cidade da rainha o povo vai tomá "**chá das cinco**" e precisa de um tanto de empregado pra servi. Nós é simples; ocê fique à vontade.

O jornalista estava impressionado com a simplicidade do vaqueiro, mesmo sabendo que ele possuía fortuna, mas mantinha aquele vocabulário da roça que fazia muito tempo que ele não ouvia.

Jornalista:

"**percebendo a língua que nos cerca**", não fique aborrecido comigo se eu disser algo diferente do que estão acostumados aqui. Quero



Academia Volta-redondense de Letras

lhe dizer que estou apreciando muito este lugar e as pessoas que conheci: o motorista do ônibus, o taxista e agora o senhor.

Vaqueiro:

Vixi, fica sossegado! Meu fio foi pro *estates* e, quando chega aqui, fala igual ocê. Eu acho é graça. Mas conte aí: como é sua cidade? Como ocê veio pará aqui nos "oitocentos no plural"?

Jornalista:

Sou de Volta Redonda e acabei dormindo no ônibus.

Vaqueiro:

Êita! Essa é a cidade que tem bicho de aço? Minha fia já andô por aquela banda.

O jornalista, depois de uma boa risada, respondeu:

Jornalista:

É conhecida como a Cidade do Aço. Temos uma grande empresa muito famosa.

Vaqueiro:

Ah, sim! Aquela que solta aquele fumacê danado. Vixi... num sei como ocês aguenta morá lá.

Eles conversavam como velhos amigos. Entre um gole de leite e uma gargalhada, surgia sempre uma história nova.

De repente, ouviram o barulho de um copo quebrando: o neto do vaqueiro chegou correndo e esbarrou na jarra de vidro cheia de leite.

Vaqueiro:

Eita, menino! Já falei pra pará com essa correria. Num repare, não, jornalista... o menino tem é "boca tímida, mão nervosa". Vou pedir minha fia pra trazê outra jarra.

O neto olhou para o jornalista e disparou:

Neto:

"Ô tio, ô tio, ô



Academia Volta-redondense de Letras

tio, ô tio..." vem brincá comigo!

Vaqueiro:

Brincá de corrê com ocê... nada! Vai lá chamá sua mãe pra lhe dá um banho. Ocê tá todo lambuzado de leite.

Jornalista:

Essas crianças têm, de fato, uma vitalidade impressionante!

Vaqueiro:

Pois é... mas vamo voltá pra nossa prosa. Meu fio disse que nessa cidade do aço tem mulher bonita demais. Mas será que elas sabe ar-
rumá uma casa?

Jornalista:

Elas trabalham fora, trabalham dentro de casa e ainda "borda".

Vaqueiro:

Vixi! "De versos" trabalhos? Vou mandá minha fia pra lá!

Jornalista:

Mudando de assunto... o senhor ainda cria vacas leiteiras?

Vaqueiro:

Crio, uai! As mimosas é que paga as despesa do meu fio lá no esta-
te. Tô ensinando meu neto, aquele que quebrou a jarra – a cuidá
também. E o menino é bão. Pediu pra cercá uma terrinha pra ele e
pra pô os bicho lá. Ele botô nome em tudo: a porquinha Rosa, o
avestruz Cacho Dourado, o boi Sarado e as galinha Pintadinhas, tu-
do aqui em "animal poético". Esses dia, minha muié – que gosta de
floreá – disse pro meu neto que vai escrevê um livro: "relatos de
um arigó".

Jornalista:

Na minha cidade temos a história do Arigó.

Vaqueiro:

Eita, minha muié vai gostá demais de conhecê isso. Vai virá "poe-
sia e ponto".



Academia Volta-redondense de Letras

Jornalista:

E seu filho... o que estuda nos Estados Unidos?

Vaqueiro:

Engenharia Física! Deixô as mimosas pra estudá esse trem que, segundo ele, serve até pro meu sítio. Quando mando ele vê as terra que comprei, ele fala: o meu "eu quântico" ainda tá em desenvolvimento. Esse menino só fala difícil. Da última vez que veio aqui, tava com um vidrinho na mão dizendo que tava fazendo "pequenos ensaios" no laboratório que montou no quarto. O menino é dedicado. Diz que nós tem a "carne de luta" e tem que alcançá o mundo. Eu respeito... mas quero morrê é aqui, na minha terrinha.

Jornalista:

Está ficando tarde, e preciso descansar. Amanhã visitarei o parque e outros sítios. Foi um prazer conhecer o senhor e sua história. Vou deixar meu WhatsApp para mantermos contato. Pode ser?

Vaqueiro:

Esse zap zap eu num gosto, não. Nem tenho isso. Sou da moda antiga. Aqui a gente escreve é carta. É mais emocionante. O carteiro grita e todo mundo corre pra recebê.

Jornalista:

Vocês realmente sabem viver. Farei isso, meu amigo. Enviarei uma carta contando as novidades.

Vaqueiro:

Volte sempre que quiser, meu amigo. Vou ficá esperando o carteiro. E que venham muitas carta. Gente como ocê num pode escrevê "a última carta".

OBRAS CITADAS

Obra Literária	ESCRITOR
O Vaqueiro e o Jornalista	José Huguenin
Província Fluminense	Guto Mello
Oitocentos no plural	Guto Mello
Histórias [mal] cheirosas	Aline Reis



Academia Volta-redondense de Letras

Pelos quatro cantos	Lourildo Costa
Meu Tempo	Leonor Vieira-Motta
O que Jesus tem para hoje?	Débora Corsi
De todas as tribos	Márcio Castilho
Devaneios Amiúde	Leonardo Santana da Silva
De todos os tempos	Márcio Castilho
Emoções selvagens	Elyane Lacerdda
Contos do destino	Guilherme Tadeu
Garradas ao mar	Giovani Miguez
Nas nuvens do Tempo	Luiza Pettersen
A vida em poesia	Elizabeth Carolina
Sobre-viver	Flávia Souza Lima
Metaversos e Contos	Angela Alves Crispim
Alma de Poeta	Claudia Lundgren
Andanças do Coração"	Mércia Christani
Depois da chuva, o recomeço	Giovana Damaceno
Parque centenário	Nikson Salem
Sob nova direção	Leonor Vieira-Motta
Além da visão	Alexandre Diniz Gomes
Poemas (quase) guardados	Jean Carlos Gomes
Carne Salgada	Guto Mello
Amor nas Alturas	Silvia Helena
Perspectivas em versos	Ângela Alves Crispim
colorir	Raquel Leal
Miragem no Horizonte	Marcorelio Fortini
O fogo inexplicável dos desejos	Flavio Chame
Contos e causos mineiros	Celso Ricardo
Os três filhotes	Edmilson Naves
Elas por elas	Claudia Lundgren
50 anos	Mauri Alves



Academia Volta-redondense de Letras

Um livro sem título"	Christovam de Chevalier
As aventuras de um velho corsa	Lucia Araujo
De todos os tons	Márcio Castilho
Percebendo a língua que nos cerca	Jefferson Evaristo
invasões	Regina Vilarinhos
Chá das cinco	Lilian Souza
Boca tímida, mão nervosa	Robson Chaves
Borda	Flávia Souza Lima
De Versos	Lee Brasil
Animal poético	Giovani Miguez
Relatos de um arigó	José Huguenin
Eu quântico	Thalita Wutke
Pequenos ensaios	José Huguenin
Carne de luta	Jéssica Regina
A última carta	Rodrigo Hallvys
Ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio, ô tio...	Dio Costa
Os frutos da minha alma	Lourildo Costa
Palavras que tecem poema	Elizabeth Carolina
Reencantamento do mundo	Dio Costa



Academia Volta-redondense de Letras

Milésimos do Passado	Guilherme Tadeu
Poesia e Ponto	Projeto cultural da secretaria da cultura em parceria com a AVL